

# RECADO DE PARÍS

Rubem Braga

PARIS, novembro — (Via Fanair) Morreu um bom velho e um bom poeta: Leo Larguier; morreu ali na rua Saint Benoit, pertinho do "Impasse Deux Anijes", a alguns metros do "bistro" chamado "Aux Assassins", ele, que chamava esta Saint Germain des Prés "minha aldeia". Sua aldeia adotou modas estranhas e desceu aos porões para dançar o "boogy". O velho poeta ficou em seu quarto murmurando versos de Lamartine, lendo seus livros antigos entre o cachimbo de Flaubert e o tinteiro de Balzac. A um velho amigo, que foi o último a visitá-lo, ele disse, na véspera da morte, conduzindo-o até a porta: "Nunca mais passarei esta porta; não escreverei mais; não lerei mais; morro de aborrecimento, de desgosto e de fo-

me. Podem bater, não abro mais".

"A morte não precisa bater à porta" — diz, recordando isto, Alexandre Arnoux, ao escrever sobre "esse poeta puro, grande, familiar e grave". E os últimos versos que Leo Larguier publicou diziam que "la sagesse de ceux qui vont partir est faite — de beaucoup de fatigue et d'un peu de mepris".

No dia de sua morte, como eu me detivesse, por acaso, em um antiquário perto de sua casa, ouvi este elogio postumo que talvez agradasse a Leo Larguier, este elogio de um seu vizinho de dezenas de anos: "era um bom sujeito".

— xxx —

E fiquemos, hoje, perto dos mortos. Quando Bernard Shaw fez 90 anos reli uma dezena de seus livros e li mais alguns. Impressionou-me a frescura, a força dessas paginas escritas em outro século, ou antes da guerra. Em tempos como o nosso de demissão da intelligencia — demissão pelo fanatismo, pelo cinismo ou apenas pela preguiça — que mais belo exemplo alguém deu de lucidez, honestidade e potencia intellectual?

17.11.50